



Rua das Gaivotas 6

web • ruadasgaivotas6.pt

social • ruadasgaivotas6

disseminário

ÀS GAIVOTAS, AOS CÃES E AOS PRÓXIMOS ANIMAIS ● Tânia Geioto Marcelino

8 Fev - 29 Fev 2020

INTERFLUÊNCIAS: 29 Fev 2020

por JOÃO LEITÃO

Às gaivotas, aos cães e aos próximos animais: ainda do lado de cá da porta e perante a sua carga poética, lemos o título da exposição da Tânia como se de um verso se tratasse. Subimos as escadas e entramos. A extensão e a imagética presentes no verso que, há segundos, contemplámos, são, num primeiro e distraído olhar, contrariadas pelo que no espaço expositivo parece não existir. Deparamo-nos com uma sala (quase) vazia e, por isso, questionamo-nos se nos enganámos na divisão ou, no limite, se o título da exposição não será, afinal, a própria exposição. No entanto, as tímidas presenças dos dois-três únicos objectos que se revelam manifestamente visíveis respondem-nos: sim, estamos no sítio certo.

Ainda à entrada da sala, olhamos esses mesmos objectos, colocadas em extremos opostos: à esquerda, dois volumes envoltos em tecido branco (troncos, talvez) e, à direita, uma incompleta cadeira (ou será um banco?). O nosso olhar salta de uns para o outro, para, depois, regressar aos primeiros. É neste repetido movimento esquerda-direita/cadeira-troncos – neste involuntário percorrer do olhar pela totalidade da divisão em que nos encontramos – que, gradualmente, começamos a reparar na existência de pequenos vultos indefinidos espalhados pelo espaço: objectos quase invisíveis, os quais, dada a sua reduzida escala, desdizem a monumentalidade e o aparato contemporâneos, bem como as suas lógicas operantes, segundo as quais são os objectos-imagens que, mesmo quando não o pedimos, connosco vêm ter. Somos, então, impelidos a sair da entrada da sala e a deambular pela divisão, na esperança de tornar o quase invisível visível.

Deambulamos e aproximamo-nos quer dos diminutos objectos que, há pouco, eram apenas manchas cromáticas, quer de outros microscópicos objectos que ainda não tínhamos suspeitado



Rua das Gaivotas 6

web • ruadasgaivotas6.pt

social • ruadasgaivotas6

que também naquele espaço se demoram. Os objectos vão aparecendo – na parede, no chão, nos cantos, no parapeito – e nós, com uma atenção progressivamente redobrada (não nos vá escapar algum), vamos descobrindo-os. À medida que mapeamos a geografia das coisas que na sala existem, vamos delas aproximando-nos, cada vez mais. Diante destes objectos-pormenores – que exigem que não só os olhemos, mas também que com eles estejamos –, é impossível respeitar as regras de conduta museológicas. Inevitável é, assim, darmos por nós com os olhos a cinco centímetros da parede, de joelhos no chão e de rabo para o ar, quase como se os tivéssemos de tocar para os ver.

É através desta inusitada aproximação física que, finalmente, percebemos o que são estes objectos – dois lápis, uma moeda, um copo descartável, um prato, uma pedra, uma folha impressa –, para, logo a seguir, compreendermos que as suas materialidades não os esgotam. Em boa verdade, quanto mais próximos deles estamos e quanto mais tempo com eles nos demoramos, mais pressentimos que os mesmo são, também e sobretudo, feitos de intimidade. Começamos, então, a descobrir nestes objectos – triviais e, muito provavelmente, retirados do quotidiano da Tânia – pequenas marcas do tempo que sobre eles passou e pequenos resquícios das intervenções-violências que os atingiram, por mais ligeiras e delicadas que sejam: uma amputação de membros, um contorno-área, um corte transversal, uma cor arrancada para fora, um amarrar metálico, uma quebra-desunião, um amortalhar, um emolduramento de um nome. No seu conjunto, estas marcas e estes resquícios, por sugerirem histórias secretas, parecem querer coleccionar e documentar, de uma forma quase ritualística e como se páginas de um diário fossem, fragmentos de experiências e relações profundamente pessoais. Por esta razão, estes objectos deixam de ser um prato, um lápis ou uma moeda e passam a ser – insubstituivelmente e de um modo muito particular – aquele prato, aquele lápis e aquela moeda.

Mas, então, o que nos é possível saber sobre estes objectos e sobre os motivos que ali os trouxeram? O que nos é possível saber sobre este reconhecível quotidiano que não é o nosso? O que nos é possível saber sobre esta intimidade que nos é estranha? Despertamos, deste modo, o pressentimento de que o estar e a proximidade física que temos vindo a estabelecer com estes objectos se transformaram numa qualquer invasão de privacidade. Nasce em nós a sensação de que estamos a vasculhar e a violar uma intimidade alheia. Como se, silenciosamente, espreitássemos pela fechadura de uma porta fechada à chave; como se, sem autorização prévia,



Rua das Gaivotas 6

web • ruadasgaivotas6.pt

social • ruadasgaivotas6

remexêssemos o interior de uma caixa de recordações; como se folheássemos um desconhecido álbum de fotografias e quisêssemos dar nomes àqueles que vemos, mas que não conhecemos. Porém, porventura não haja mal nenhum nisto. Os objectos em questão parecem querer ser (e, até, pedir-nos para serem) invadidos. São objectos-rascunhos-incógnitas que não se querem fechar sobre si próprios, que se recusam a definir-se e que, por isso mesmo, sobre eles nada nos dizem. Talvez seja por isso que todos eles dispensem títulos – até mesmo aquele que se nega a si próprio, untitled de seu nome –, para que, assim, sobre eles possamos livremente falar; para que, assim, para eles possamos inventar nomes e verbos; para que, assim, sobre eles possa actuar um constante estado de metamorfose e de não término. Como se as suas invariáveis incompletudes fossem as suas únicas condições de sobrevivência.

Estes objectos são, como Tânia os define, inagarráveis, esquivos, inomináveis e intraduzíveis, ou seja, objectos que somente existem através dos movimentos de aproximação (física e especulativa) de que são alvo. São objectos que acolhem a falha, a imprecisão e a tentativa como algo fundamental, assumindo, para o efeito, que nenhuma aproximação-tradução-nomeação é pior ou menos válida que a própria coisa que se procura agarrar-traduzir-nomear. Diz-nos Borges que “A superstição da inferioridade das traduções – avalizada pelo conhecido ditado italiano – provém de uma experiência bem distraída”¹. O mesmo parecem dizer-nos Tânia e os seus (no sentido íntimo do pronome) objectos. Que venham os próximos animais e, com eles, as próximas aproximações.

¹ BORGES, Jorge Luis, (1932), “As versoões homéricas” in Obras Completas, vol.I (1923-1949), trad. José Colaco Barreiros, Lisboa: Editorial Teorema, 1998, p. 247.